



Era uma vez duas mulheres. Uma tinha muitos filhos. A outra não tinha nenhum.

Um dia, a que não tinha filhos convidou a outra para ir lá a casa.

Mas que viesse só. Sim, sobretudo que viesse só, sem a ranchada de filhos atrás, porque ela, sim, tomasse nota, porque ela não gostava de crianças.

– Ui, são insuportáveis! – dizia. – Desarrumam tudo, sujam tudo, estragam tudo. Eu nunca quis ser mãe porque me falta paciência para aturar gaiatos.

A casa dela estava recheada de coisas e coisinhas, todas muito bem colocadas em prateleiras e prateleirinhas. Era uma casa cheia e muito asseada, por onde se andava com muita cautela, quase em bicos de pés, para que as prateleiras não estremecessem e as coisa e coisinhas não se sobressaltassem.

A mulher que tinha muitos filhos mirou tudo o que a dona da casa sem crianças lhe quis mostrar. Não só o que estava à vista, mas também as gavetas e arcas atulhadas de rendas, lençóis, toalhas, e os armários carregados de vestidos, blusas, casacos, que a mulher sem filhos gostava de exhibir às visitas.

– Tivesse eu filharada e não podia ser tão rica – dizia ou parecia dizer a mulher sem filhos.

Tempos depois, foi a vez de a mulher com muitos filhos convidar a outra para ir lá a casa. Que algazarra! Miudagem por todo o lado.

Muito atordoada, no meio das crianças, a mulher sem filhos olhava para o desalinho da casa, a pobreza dos móveis, a fraqueza da despensa. Pois sim. Ela é que estava na razão, ela é que tinha juízo, por nunca ter querido ter filhos.

Chegou a altura de tomarem chá.

– Mariana, faz-me um favor e põe a água ao lume para o chá – pediu a mãe à filha mais velha.

– Não temos chá – disse a filha Mariana.

– Então, ó Carlos, vai ali à loja do Senhor Augusto e compra uma lata de chá, das pequenas – pediu a mãe a um dos irmãos da Mariana.

Quando, já de chávenas na mão, deram pela falta do açúcar, a mãe pediu:

– Rosa, pega no açucareiro e vai a casa da vizinha Adriana pôr uns torrõezinhos – pediu a mãe. – Mas, depois, não os comas pelo caminho...

Toda a miudagem se riu. Era uma casa muito alegre.

Depois do chá, a filha Noémia pôs-se a pentear a mãe, que era uma maneira de fazer-lhe festas. Com o Toninho ao

colo, o mais novo do rancho, a mulher que tinha muitos filhos conversava despreocupadamente com a mulher que não tinha filhos.

– Eles são a minha riqueza – contava ela, sorrindo e fazendo um grande gesto em roda.

A mulher sem filhos compreendeu e até talvez sentisse, lá no íntimo (que é o sítio onde se guarda o coração...) e reconsiderasse, finalmente, que a mulher com filhos era muito mais rica do que ela.

FIM